

Capítulo 2

Vida da Igreja Além da Amargura

Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem (Gn. 50:20a)

Embora não existam registros corroborativos, é provável que muitos milhares de cristãos desiludidos tenham deixado o Movimento da Igreja Local. Isso não soa exatamente como notícia principal. Todos os dias pessoas ficam desapontadas com igrejas e as deixam, então, qual é a diferença? A resposta é que poucos cristãos que eventualmente mudaram seu lugar de reuniões foram assegurados que o grupo que eles estavam deixando era o único mover de Deus, a verdadeira igreja restaurada em um mundo repleto de Babilônia religiosa. É duvidoso que alguém que tenha deixado alguma pequena congregação inofensiva tenha sido informado de que seu grupo, sozinho, consumaria a Nova Jerusalém e terminaria a era. Aqueles que deixam as denominações típicas todos os dias, procurando por pastagens mais verdejantes, provavelmente não são [implacavelmente] doutrinados ao longo de anos com o pensamento de que eram os únicos vencedores que, sozinhos, possuíam o ministério da era. Também é improvável que esses cristãos tenham sido avisados de que ao deixar a congregação, o Senhor poderia puni-los com calamidades pessoais e, em seguida, no tribunal de Cristo, lançá-los nas trevas exteriores. Obviamente, deixar a igreja da comunidade local e deixar uma Igreja Local são duas coisas muito diferentes.

Uma poderosa desilusão pode ocorrer onde as pessoas estavam convictas de que eram abençoadas com revelação superior e cujas congregações eram os únicos lugares que o Senhor chamaria de “a igreja”. Depois de anos edificando fé na ideologia da Igreja Local, angústia emocional de certa magnitude é esperada na vida dos que a deixam. As pessoas que conheci falaram de experiências que vão desde a indignação de ser enganado, a desilusão leve, até a depressão (tragicamente) suicida.

As complicações situacionais são assustadoras. Em muitos casos, aqueles que saem do Movimento da Igreja Local têm entes queridos que ainda são leais ao sistema e que permanecem dentro dele. As relações familiares podem sofrer tensão até o ponto de ruptura. De fato, algumas famílias têm lidado com as questões envolvidas seja evitando conversas sobre temas espirituais ou não mais falando umas com as outras. O drama doloroso invade ainda mais a própria igreja. Ministros que uma vez forneceram suprimento espiritual para suas congregações agora se encontram em desacordo com as pessoas que serviram, a relação de confiança azedou devido a suspeitas de que ele não é mais “um com o ministério”. Ou, alternadamente, grupos que foram

supridos por certos ministros, agora se encontram, com eles, rotulados como “dissidentes”, “opositores” ou “divisivos”, porque não são mais vistos como sendo “um com o ministério”. Sem dúvida, tem havido sofrimento suficiente para contornar.

O perigo da amargura

À luz de tantas experiências ruins, um desafio básico está em não cair na amargura. Paulo nos advertiu a continuar “tendo cuidado... para que nenhuma raiz de amargura brote e cause perturbação, contaminando muitos” (Hb 12:15). Isso é ainda mais urgente quando as pessoas percebem que os anos de suas vidas foram irremediavelmente gastos, obedecendo e promovendo algo que se coagulou diante de seus olhos.

Reações de raiva ou desgosto serão previsíveis, e até mesmo - ousar dizer? - normal. Quando a Bíblia diz: "Irai-vos e não pequeis" (Efésios 4: 26a), isso implica uma distinção entre ira e pecado. Eles não são necessariamente equivalentes. Verifique as emoções voláteis que Jesus e Paulo sentiram em relação às autoridades religiosas de seu tempo e, em seguida, pergunte a si mesmo o que eles teriam dito para uma admoestação branda do tipo “Deixa para lá. Apenas ame-os.” Em outras palavras, não sinta nada, não diga nada a ninguém. Não seja negativo. Este conselho que soa espiritual pode ser apropriado em algumas ocasiões, mas utilizado por uma organização ministerial torna-se facilmente uma ferramenta de auto-serviço para o controle de danos.

A ira não é o problema. Saber onde parar é. É por isso que também nos é dito, “não deixe o sol se pôr em sua ira” (Efésios 4:26b). Sentimentos negativos precisam de limitação. Agora, estritamente falando, amargura não é o mesmo que ira. Amargura é a mágoa ou a ira que foi além do que deveria. É o fruto de emoções relacionadas à dor que nunca foram efetivamente reduzidas.

Depois que uma pessoa permanece indignada por tanto tempo, um tipo estranho de dano psicológico pode ocorrer. A amargura pode transformar a perspectiva de uma pessoa em pessimismo pantanoso. A vida será vivida em um vívido retrocesso ao passado, quase sem fim, ensaiando os fracassos e infidelidades dos outros, sobrando, apenas, energia emocional suficiente para as considerações anêmicas do futuro. Isso é inevitável. Um foco voltado para trás praticamente proíbe o avanço espiritual, tal qual tentar dirigir um carro com os olhos fixados no espelho retrovisor.

Devemos ter cuidado. Em risco está o nosso futuro espiritual potencialmente promissor. Preso à análise pós-jogo, poderíamos esquecer de realmente jogar o jogo em si. E isso, como dizem, é “por inteiro”. Independentemente de quão descarado o comportamento dos agentes do

ministério fosse ou de todos os “ele disse, ela disse” no mundo, tudo se resume a estarmos ou não envolvidos atualmente com Deus em Seu propósito no Novo Testamento. Fomos instruídos a “discipular as nações” (Mt 28:19), “anunciar o perdão dos pecados” (Lucas 24) e “ser zelosos com a edificação da igreja” (1 Coríntios 14:17). Devemos ser pessoas práticas, não críticos ociosos e mesquinhos.

Associações negativas descontroladas poderiam ir tão longe quanto contaminar nossos sentimentos em relação à própria Bíblia (por exemplo, sentir que 1 Coríntios 15:45 é um "versículo do LSM") ou contra a comunhão cristã em geral (isto é, sentir que nenhum grupo de cristãos em qualquer lugar pode ser confiável) . Um cenário pior pode levar alguns crentes a dispensarem Jesus completamente. Infelizmente, vi isso acontecer. Quando Cristo é confundido com os erros prejudiciais de um grupo religioso, de repente não há lugar para o desanimado retornar. Tudo é sem esperança. Até Jesus parece culpado. Assim, uma distância segura deve sempre ser considerada entre as organizações dos homens e o próprio Senhor. Cristo não pertence exclusivamente ao ministério de ninguém. Ninguém tem o “monopólio de mercado” sobre ele. Isto é uma reminiscência de Sua advertência sobre aqueles que reivindicam um acesso especial ou conhecimento de Sua presença: “Portanto, se vos disserem...eis que Ele está no interior da casa, não acrediteis” (Mat. 24:26). Nenhuma atividade cristã jamais confinou Cristo com sucesso dentro de seu programa.

Em última análise, arriscamo-nos demais cozinhando a dor das experiências passadas. Nossa única opção é seguir em frente. No entanto, isso significa que o encanamento do coração será invariavelmente necessário. Felizmente, existem disposições que podemos acessar e coisas que podemos fazer para lidar com o início da amargura.

Revelação Pessoal - Entendendo Por que Deus Deixa Tudo Acontecer

Talvez nada seja mais profundamente reconfortante para o coração perturbado do que uma apreciação profunda da Mão que fere a fim de curar. Em algum momento no caminho de sua vida, José encontrou esse tipo de consolo pessoal reconciliando as coisas enganosas e odiosas feitas contra ele com o propósito determinado do Senhor. Ele disse a seus irmãos: “você planejavam o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem” (Gn 50:20). Evidentemente, todas as coisas cooperarem juntamente para o bem não é um conceito novo para os cristãos experientes. Nem o é a ideia de transformação por meio da prova severa do sofrimento. Como esses caminhos são tão bem percorridos, vou deixá-los de lado por um momento como verdadeiros, mas me concentrar em outro conceito menos falado - o da dor como medida provocativa, divinamente permitida para motivar a obediência.

Quando os homens sabem intuitivamente que Deus aprova ou desaprova algo, eles ainda relutam em fazer mudanças de 180 graus. Por exemplo: “Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nele; mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga.” (João 12:42). Essas pessoas sabiam que o zumbido negativo sobre Jesus estava errado. Ainda assim, eles achavam que o judaísmo era valioso demais para se deixar ou simplesmente assustador demais para se viver sem. Mesmo aqueles que fizeram profissões públicas de fé encontraram a perspectiva de uma vida vazia do judaísmo de alguma forma objetável. Foi por isso que depois de mais de uma década na fé, os presbíteros da igreja em Jerusalém ainda estavam dizendo: “Bem vê, irmão, quantos milhares de judeus há que crêem, e todos são zeladores da lei.” (Atos 21:20).

Esses cristãos podem ter dito a si mesmos: “Opa, não vamos longe demais. Não se deixe levar longe demais. Afinal, ainda há coisas boas sobre o judaísmo. Pode ser legalista, um pouco morto e cheio de comportamento hipócrita, mas nós não queremos ser como os gentios, não é mesmo?” Eu ouvi esses mesmos sentimentos serem transmitidos por católicos, Testemunhas de Jeová, Mórmons, membros dos grupos livres do protestantismo abusivo, e, claro, daqueles envolvidos no Movimento da Igreja Local. O que Deus fará por pessoas cujas vidas se tornaram um exercício de tolerar uma nova queda após a outra - quando elas estão entranhadas em neutralidade, sabendo que o rebanho se tornou um campo religioso, sem jamais encontrar motivação para abandoná-lo? A cada nova maldita realização da instituição, mais desculpas tímidas são feitas para cobri-la. Mesmo milhares de palavras persuasivas não conseguem fazer um arranhão, pois são imediatamente diluídas com “Sim, eu concordo que as coisas estão erradas, *mas ...*”

Considere o cego de João capítulo 9. Se Deus não tivesse intervindo, ele poderia ter sido esse tipo de pessoa, preso no mesmo tipo de penumbra. Sendo recém curado pelo Senhor, ele não tinha intenção de deixar a sinagoga. Ele provavelmente suspeitava que tendo recebido sua visão, ele se tornaria um membro muito ativo do modelo. Mas o Senhor Jesus tinha outros planos, pois “ele chama as suas ovelhas pelo nome e as conduz para fora” (João 10:3). Assim, em pouco tempo, o homem viu-se fora da sinagoga. No entanto, o Senhor não cativou esta ovelha simplesmente dizendo-lhe para se afastar da sinagoga. Em vez disso, a liberdade veio através de todas as coisas trabalhando juntamente - injustiça, arrogância e escuridão religiosa. As circunstâncias “injustas” vieram juntas como engrenagens em uma máquina e o homem se viu do lado de fora do acampamento, com Jesus.

É duvidoso que o homem tivesse ido embora por conta própria. Se ele não tivesse sido maltratado, poderia continuar na sinagoga indefinidamente e, talvez, contente (é claro, com reservas ocultas) como crente em um lugar que não agradava ao Senhor. Essa é a natureza dos

homens. Eles não veem nenhuma razão para se debruçar sobre as discrepâncias de um grupo que, pelo menos, faz uma demonstração de aceitação e valorização. Além disso, eles nem considerariam a possibilidade de partida por causa de amigos ou laços familiares existentes dentro do grupo. Eles não sairão, mesmo que o grupo tenha deixado de cumprir sua missão escriturística, mesmo que a vida espiritual já partiu há muito tempo, ou mesmo que as atitudes comuns comecem a contradizer completamente os ensinamentos da Bíblia. Onde essas condições existem, os membros podem categoricamente negá-las, achando muito doloroso considerar a possibilidade de corrupção em algo por tanto tempo elogiado como “o mover de Deus sobre a terra”. Embora o santo em questão não tenha sido pessoalmente magoado ou grosseiramente enojado, seu grande interesse próprio não o deixará causar nenhum problema para si mesmo.

Como um princípio, no entanto, quando o desconforto se torna pessoal, achamos mais fácil ouvir e buscar. Nós nos tornamos pensativos; nós questionamos coisas que nunca teríamos questionado antes. Sem sofrimento, todos nós podemos fugir com posições neutras, jogando com segurança e, até certo ponto, fechando nossos olhos. Os homens são até capazes de recrutar princípios espirituais no esforço de justificar o mal. “Eu sei que isto e aquilo poderia ser melhor”, dizem eles, “mas eu só preciso levar minhas opiniões para a cruz.” Sem dúvida, há momentos para fazer isso, mas quando o Senhor está nos dizendo para sair ou falar e nós não fazemos isso, falar sobre a cruz é apenas uma cortina de fumaça para a rebelião. E quando a fumaça ficar espessa o suficiente, Deus fará algo para explodir. É aqui que a dor se torna um gracioso instrumento divino. Deixe-a voltar para casa e os chavões religiosos serão deixados na calçada. Onde os ensinamentos, por si só, não conseguem fazer o trabalho, a angústia abre os olhos e nos motiva a agir com fidelidade.

Vendo nosso passado potencialmente amargo, devemos ver não apenas aqueles que fizeram o mal, mas a mão invisível por trás de todos. Sim, em um esforço para controlar, caluniar e esconder, eles representavam o mal, mas em um esforço para nos conduzir para fora do invólucro do ministério, “*Deus o tornou em bem*.” Se você foi ferido no processo, então aplique um bálsamo de cura para a sua alma, lembrando-se da bondade do Senhor. Quando chegou a hora de sair, Ele lhe mostrou a porta. Quando você hesitou, Ele “ajudou” você a aceitar.

Encontrando graça

Um segredo da sobrevivência na vida cristã é, às vezes, “... achar graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4:16). Este não é um suprimento comum de alegria na vida cristã, mas uma busca especial por uma necessidade muito específica e desesperada. Se a graça encontrada

é simplesmente a percepção garantida da presença benevolente do Senhor ou algum item muito prático, conforto e um coração amado é o resultado comum.

“O trono da graça” (Hb 4:16a) é, naturalmente, a fonte última de toda a graça. O exercício de se aproximar dele envolve naturalmente o diálogo com Deus. É aqui onde as lições de sinceridade devem ser aprendidas. Orações preservadas em terminologia não terão maior conectividade com Deus do que sentimentos simples e sinceros. O Senhor não concede audiência especial a discursos carregados de palavras como “consumação”, “restauração”, “o Corpo” ou “o ministério”. Nem Ele necessariamente espera ouvir fraseologia religiosamente apropriada como “saturar e permear cada fibra de meu ser”.

Agora, as pessoas do Novo Testamento precisam tirar uma lição de seus antecedentes do Antigo Testamento - neste caso, Davi, que era o proprietário de uma vida de oração às vezes desleixada e não refinada que era tão valorizada por Deus que Ele preservou em grande parte no livro dos Salmos. As queixas, a ira, a tristeza e a murmuração registradas ali demonstram a quase total desconsideração do Senhor por qualquer tipo de correção religiosa e seu prazer na honestidade do punho desnudo.

No passado, esforços vigorosos foram feitos para dissecar os Salmos e ensiná-los como um corpo de informação doutrinária. Muitos dos Salmos que não se prestavam a esse uso eram simplesmente designados como “inferiores” ou “naturais”. Mas orações genuinamente vulneráveis resultam em pobre teologia sistemática. Os Salmos nunca surgiram originalmente como material de esboço. Eles são um registro das experiências pessoais dos homens piedosos com o Senhor - alegria, decepções, queixas, ira, medo. Um estudioso chegou a calcular que os sentimentos “inferiores” abrangem 70% ou mais do livro. Se isso é qualquer indicação de uma vida típica com Deus, podemos esperar ter muitas conversas “invertidas” com ele.

Honestidade extrema desse tipo pode não soar como: “Senhor, ainda amo esses irmãos. Abençoe-os”, mas em épocas de fraqueza, “Senhor lhes dê o que têm vindo com eles.” Nós suspiramos com tais palavras escandalosamente obscuras, mas em princípio, Davi as proferiu para Deus e provavelmente enquanto tocava uma harpa. Comparado à ordenança de orar por nossos inimigos, elas soam naturais. Em comparação com os salmos mais proféticos, elas parecem “baixas”. No entanto, onde ninguém reclamou e derramou a amargura da alma mais do que Davi, ninguém dentre os homens mortais louvou mais a Deus do que ele também. Parecia que Davi continuava encontrando graça e suas depressões continuavam se transformando em montanhas. De fato, suas alturas estavam inexoravelmente ligadas às suas profundezas. A graça, ao que parece, não encherá o vale da morte até que busquemos a Deus em um estado de absoluta honestidade.

Manter o queixo erguido, higienizar nossas orações, tentar soar como bons e decentes cristãos resultará em aborrecimento, talvez, mas não na alegria da adoração davídica. É quando estamos expostos, totalmente expostos a Deus em palavras sem adornos, gritando talvez, ou chorando, praguejando ou suspirando, que o calor da graça tem alguma chance de derreter a amargura.

Recebendo Comunhão e Conselho

Uma condição interna efervescente pode precisar mais do que estar sozinho em um quarto com Deus. Às vezes, o canal da graça é outra pessoa. É como a história de uma garotinha que tinha medo do escuro e clamava por seus pais. "Vá dormir", disseram eles do outro quarto. "O Senhor está com você." Ela deitou lá por alguns instantes e disse de volta: "Eu sei, mas eu preciso de alguém com pele!" Este é muitas vezes o dilema dos cristãos que estão navegando para sair de um labirinto religioso. Eles precisam saber que os outros entendem e podem se relacionar com o que estão passando. O maior sofrimento é, talvez, imaginar se você é "o solitário atirador no outeiro" - o esquisito, satânico, cego e negativo que é um "destruidor do edifício de Deus", enquanto todo o resto do "Corpo" alegremente segue passo a passo para consumir a Nova Jerusalém. O conforto pode vir através de interações com cristãos que experimentaram (ou estão experimentando) as mesmas coisas difíceis e problemáticas. Nós precisamos de outros. Deus sabe disso e isso era parte de Sua idéia provisória quando Ele trouxe o Corpo de Cristo à existência.

Muito foi dito anteriormente sobre esquecer o passado e avançar. Isso não deve ser confundido com continuar em silêncio isolado, fingindo que nada de ruim aconteceu. Há benefícios definidos associados à revisão do passado. Caso contrário, você pode repeti-lo ou, se não tiver uma descarga adequada do coração, pode permanecer dentro dele, afetando negativamente outras áreas de sua vida. Que tipo de considerações passadas devemos ter, de forma saudável, do Movimento da Igreja Local? Que tal, "o que foi isso, afinal?" Falar sobre isso e desabafar para os outros é uma forma de terapia psicológica e espiritual. Um amigo meu referiu-se a isso recentemente como vômito. Sua caracterização irônica faz sentido, porque quando uma pessoa está terrivelmente enjoada, o vômito é exatamente o que é necessário. Apenas tenha em mente que o ponto importante neste processo é saber onde parar. Ninguém quer estar perto de uma máquina de vômito.

Existem, no entanto, situações que exigem mais tempo de recuperação. Sair de qualquer sistema religioso inflexível pode ocasionalmente causar um dano residual grave. Casamentos ou deveres parternais, por exemplo, podem ter estado sob tamanha pressão e ter sido

negligenciados por tanto tempo que, de repente, os cônjuges irão nivelar anos de hostilidades reprimidas entre si. A intimidação religiosa, a repreensão e a condenação podem ter ocorrido em casa. Em outro caso, alguns membros que se afastaram simplesmente experimentam um profundo senso de resignação, duvidando seriamente se a questão da igreja ainda é digna de seu esforço. Se for esse o caso, talvez seja necessário procurar ajuda mais estruturada.

Isso pode ser fornecido pelo aconselhamento cristão proficiente, onde soluções espirituais e práticas para impasses pessoais são frequentemente alcançadas. Alguns bons conselheiros cristãos são mantidos na equipe de grandes grupos cristãos e frequentemente são acessíveis. Isto pode não soar como uma solução viável para aqueles ainda um pouco influenciados pelo complexo de superioridade da Igreja Local (isto é, a crença de que tudo o que precisávamos poderia ser encontrado dentro das fronteiras da Igreja Local). No passado, era certo que nem o cristianismo decaído nem seus programas tinham algo a oferecer. No entanto, assim como foi escrito em tantos cartazes e proclamado de um lado para o outro em tantas reuniões, realmente existe apenas “um só Corpo”. O Senhor o preencheu com todos os tipos de ajuda, serviços e pastores. Isso não reflete mal no grupo de cristãos com quem você está se encontrando se você procurar ajuda em outro lugar. Nem significa que você deve abandonar aqueles com quem está e começar a ir às reuniões da igreja por lá. Em meu crescimento, tios, tias, avós e primos me ajudaram em vários momentos, mas eu nunca senti que precisava fazer minhas malas, deixar minha família próxima e morar com eles. Talvez devêssemos também ver a igreja dessa maneira - como “a casa da fé” (Gl 6:10) e menos como um conjunto de entidades religiosas concorrentes.

Graça através dos outros pode ser particularmente eficaz em vencer formas destrutivas de amargura. Os múltiplos afluentes de simpatia e compreensão que eles fornecem frequentemente acrescentam refrigério durante a temporada turbulenta do êxodo.

Liberando a Bíblia de uma interpretação canonizada

Em algum momento durante a longa avalanche de fitas, livros e mensagens do ministério, começou a crescer nos círculos da Igreja Local a ideia de que a Bíblia tinha uma interpretação canonizada. Quase todas as passagens e temas tinham uma explicação definida e sistematizada. Estes foram musicados, memorizados, citados, colocados em estandartes, e mais tarde transformados em “slogans”, uma linguagem de declarações teológicas cuja regurgitação se tornou prova de lealdade (cfr. Juízes 12:6). Lentamente, verdadeiras perguntas não respondidas desapareceram e onde qualquer uma parecia surgir, uma nota de rodapé ou comentário rapidamente as despacharia. Na esteira de interpretações confiantes e

hermeticamente fechadas, a Bíblia começou a parecer como se tivesse sido dominada e exaurida. Qualquer coisa que alguém precisasse saber poderia ser encontrada nos “Volumes Verdes” ou na “Barra de Ouro” ou nas “Verdades do Pico Elevado”. Pouco se notou que o princípio de “vós examinai as escrituras” se tornou “vós examinai o ministério.” Como resultado, a “velha e simples Bíblia” perdeu a proeminência como única regra de fé e conduta. Substituindo-a estava uma “palavra interpretada” – revelações da Escritura acompanhadas de densos ensinamentos do ministério. Agora, a Bíblia, como está nas mãos do Movimento da Igreja Local de hoje, funciona amplamente como textos de prova para o ensino do Living Stream e como uma plataforma para apresentar as visões doutrinárias desse ministério.

No entanto, como disse o escritor do hino: “O Senhor ainda tem mais luz e verdade para revelar em Sua palavra”. Onde quer que seja este o caso, uma nova alegria e um sentido renovado de missão acontecem. Crentes que ficaram desapontados com os fracassos organizacionais tornam-se novamente como crianças pequenas entusiasmadas, antecipando o “bom bife” das experiências reveladoras.

Chegar de volta a esta condição abençoada não é tão difícil quanto poderíamos pensar. Em primeiro lugar, envolve entender que interpretações, especulações e visões pessoais são diferentes da sólida verdade bíblica. Alguns ensinamentos são derivações da Escritura que não são necessariamente o significado pretendido pelo Espírito Santo. Porque eles descansam em uma base de subjetividade e opinião pessoal, eles podem ser discutidos e, claro, podem estar errados. Às vezes, essas idéias são instigantes e criativas. Eles podem abrir uma porta para uma compreensão mais profunda. No entanto, além do sentido claro da Escritura, nenhum deles deve ser tratado como um decreto divino.

Por exemplo, o que realmente significam as gravuras de palmeiras na parede do templo do Antigo Testamento? As pétalas das flores do candelabro? Os rins da oferta queimada? E sobre o significado dos números bíblicos e todas as suas combinações? (O número sete é composto por três mais quatro ou cinco mais dois ou seis mais um?) O que significa cada combinação? Vagando fora do sistema fixo de interpretação oferecido pelo Living Stream Ministry, você encontrará mais do que alguns estudiosos da Bíblia oferecendo ideias diferentes. Quando Barnabé se separou de Paulo no Novo Testamento, isso realmente significou que ele deixou/perdeu o mover de Deus na terra? O livro de Atos registra um padrão defeituoso, porque todos os obreiros da terra não se alinharam sob Paulo? Apolo foi realmente um fator de divisão e confusão na igreja primitiva? Todas essas conclusões são baseadas em especulações, não em fatos incontestáveis.

O problema com a teologia especulativa é que quando o Diabo aparece, perguntando “Foi assim que Deus disse...?” Muitos santos não apenas confirmam, mas acrescentam o elemento extra e especulativo que lhes foi assegurado que também é a verdade. Com base em

um acúmulo desses pontos de vista e pensamentos especiais, eles queimaram pontes, tomaram posições, alienaram outros e passaram por tremendos sofrimentos pessoais por causa de coisas que o Senhor nunca realmente exigiu deles. Pode levar décadas para que finalmente acordem e percebam que muito do que governou suas vidas foi uma convicção privada de outra pessoa.

Tudo isso significa voltar ao estudo bíblico simples, mas sério, e manusear cuidadosamente a Palavra, linha por linha, no fluir de seu contexto original. Uma pesquisa desse tipo não procura por significados ocultos profundos, mas faz uma pergunta primária: “O que a Bíblia diz?” Uma pergunta relacionada, mas igualmente valiosa, pode ser: “O que a Bíblia não diz?” O exercício fundamental pode parecer tão poderoso quanto a experiência de Martinho Lutero de “ver” a justificação pela fé durante a Reforma Protestante. Lutero não inventou a idéia de justificação pela fé; ele apenas viu o que Paulo escreveu com o mesmo entendimento primário que Paulo pretendia.

Não há nada de errado em emprestar temporariamente um significado da Bíblia fora do contexto para estabelecer uma verdade confirmada em outras partes de suas páginas. Também não há nada de errado em traçar temas ou comparar versículos nas Escrituras. Nenhuma dessas abordagens, porém, é o passo inicial para decifrar significados centrais. Uma busca competente pela verdade bíblica não começa com a ignorância do contexto imediato ou com a junção de pensamentos do Gênesis ao Apocalipse. Qualquer documento coerente tem um fluxo de lógica, um pensamento cronologicamente em desenvolvimento e significado em primeiro lugar provém disso.

O conceito de “palavra pura” tem sido, de tempos em tempos, amargamente ridicularizado pelo Movimento da Igreja Local. Vozes sinceras, mas enganadas, perguntam: “Como você poderia obter alguma coisa profunda da Palavra sem 'o Ministério?’” Eu seria o primeiro a testificar do valor nos escritos de outros (veja o próximo capítulo). Estamos vivendo do outro lado de 2.000 anos de pensamento cristão e escrutínio bíblico. Não há necessidade de fingir o contrário e reinventar a roda. Mas também não devemos nos tornar tão formados em pensamentos que conjecture a Bíblia e digam o que ela deveria dizer, como se fosse um boneco de ventríloquo.

Como advertência, ao manusear a Palavra, descobriremos que as fontes que não estamos inclinados a seguir às vezes acertaram. Sua compreensão em certas especificidades doutrinárias estava correta. Isso exige um senso de justiça. Só porque alguém com atitudes excessivamente restritas e legalistas ensinou alguma coisa, não significa que o que ele ensinou estava necessariamente errado.

Cristãos que deixam o Movimento da Igreja Local, e que são excessivamente tendenciosos, às vezes sentem que devem dismantelar tudo o que aprenderam anteriormente e

rotulá-lo como erro. Este tipo de operação de busca e destruição pode ter sérias consequências quando uma pessoa é movida pela emoção, em vez de um discernimento calmo. As atitudes da organização e suas ênfases e políticas podem ter sido terrivelmente distorcidas, mas descartar zelosamente tudo que tenha uma impressão do LSM resultará na perda de algumas verdades reais. Obviamente, então, o equilíbrio objetivo é a ordem do dia à medida que procuramos as escrituras.

Para nossa própria proteção, devemos nos certificar de que nossos compromissos se baseiam em coisas que a Bíblia claramente ordena e revela abertamente. Se interpretações preciosas só surgirão depois de serem arrancadas de um mosaico de versos reunidos, ou enquanto estivermos assentados em uma base de visões especulativas, então é melhor repensarmos o que está sendo chamado de verdade.

Num sentido muito real, se queremos que a verdade nos liberte da vida religiosa insípida, então devemos primeiro libertar a verdade dos grilhões das interpretações institucionalizadas. A Bíblia produz bênçãos espirituais para aqueles que lidam com seus fatos, não para aqueles que a lêem através das lentes dos preconceitos esotéricos. Liberta-nos do fel da amargura, desencadeando uma sensação de doçura, frescor e admiração interiores, ao mesmo tempo que aliviamos a pressão de sobrecarregar desnecessariamente os conceitos. Também esperamos que a Palavra nos desafie de maneiras que nunca sentimos antes - em áreas que nossa cultura anterior do Movimento rejeitou como “baixas” e relegadas a “cristianismo decaído”. Contudo, mesmo nessas novas e desconfortáveis áreas de convicção, encontraremos o princípio refrescante de “O que vos digo, eu digo a todos” (Marcos 13:37) e não mais rejeitar o que não gostamos como pertencente a uma classe inferior de cristãos.

Reintegrando a autoridade do Senhor Jesus

A Bíblia pulsa com a fraseologia sobre ouvir a voz do Senhor e obedecê-Lo. Um grande exemplo é "aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus é que são Filhos de Deus" (Rom. 8:14). Tais pensamentos ficam belos nos esboços e soam muito bem em conferências, mas foram perdidos na interpretação entre as Igrejas do LSM, onde ficou muito claro que tradições, flúir, precedentes, livros e “irmãos entremesclados” determinavam o que as igrejas deviam fazer. O efeito *trickle-down* (gotejamento) produziu irmãos líderes locais letárgicos que sempre pareciam ser “conduzidos pelo Senhor” de acordo com influências dos altos escalões do Movimento. Naturalmente, uma vez que este era o padrão da ovelha principal, o restante do rebanho seguiu o exemplo.

O Novo Testamento nunca estabelece o padrão de uma livraria, uma editora, um ministério incorporado, uma sede ministerial, uma igreja influente, um super-apóstolo, um oráculo, um ministro da era, ou representantes do ministério de um homem tendo como característica inerente autoridade sobre todas as assembleias locais. Em vez disso, tanto na direção da igreja quanto na vida individual dos santos, o Senhor Jesus tem a primeira e última palavra. Isso não anula o fato de que as igrejas têm liderança espiritual legítima dentro delas (mais sobre isso será abordado em um capítulo posterior). O princípio aqui é estabelecer que, em última instância, os cristãos devem prestar contas ao seu Senhor. Cada homem e mulher resgatado por Jesus Cristo deve lealdade somente a Ele.

Uma vez que os membros da igreja encorajam uns aos outros a viver dessa maneira, a existência cristã tenderá a se tornar estimulante. Será uma vida vivida no trono, de onde não somente os mandamentos estão vindo, mas um rio inteiro - “um rio de água da vida, claro como cristal, procedendo do trono de Deus e do Cordeiro” (Apocalipse 22:1). Aqueles que pularem neste rio de obediência pessoal a Deus descobrirão que seu fortalecimento subsequente tenderá a elevá-los acima dos amargos problemas da igreja passada. Eles percorrem as corredeiras onde há *aspergir*, cheiro de água e muito movimento adiante.

Terminar com o que “Eles” estão dizendo

Ao longo dos anos, foram lançadas rajadas de anátemas religiosas àqueles que partem do rebanho do LSM. De um modo melodramático, qualquer pessoa percebida como adversária da agenda do Ministério era (e é) frequentemente caracterizada nos termos mais obscuros possíveis. Testemunhas disso são apresentadas em livros e sites caluniosos sobre pessoas específicas e seus supostos pecados contra a causa. Contabilize insinuações públicas negativas, campanhas globais e rumores locais e ficará claro que o Movimento da Igreja Local gasta enormes quantidades de energia tentando aniquilar inimigos, principalmente através da força de palavras negativas. Em meio a isso, as vítimas infelizmente são muito curiosas sobre o giro sinistro que está sendo colocado sobre elas. É da natureza humana querer saber as coisas terríveis que os outros estão dizendo sobre nós, mesmo que nos revoltamos pessoalmente com o que ouvimos. Isso é semelhante à curiosidade mórbida que as pessoas têm com shows de aberrações de carnaval.

E a informação parece vazar de todos os lugares: a internet, e-mails, os últimos relatórios de treinamentos, cartas negativas e a sujeira das ligações telefônicas. Nenhuma das conversas será boa ou mesmo justa, mas isso também não deve ser uma surpresa. Os longos discursos acusatórios são muito eficazes para conquistar o apoio da maioria em uma

organização. Eles sempre serão a ferramenta de escolha em uma atmosfera onde os líderes devem se justificar a todo custo enquanto esmagam totalmente qualquer diferença de opinião.

Portanto, as expectativas de um julgamento justo, à revelia, perante as audiências influenciadas pelo LSM são completamente irrealistas. Sabendo disso, podemos dispensar as esperanças de sermos compreendidos e prosseguir com a tarefa mais importante de proteger nossa condição interior de nos tornarmos amargurados.

Para começar, desligue-se desse mundo. Exclua e-mails. Diga aos zelotes bem-intencionados que não o incomodem mais. É claro que o isolamento completo não será possível em todos os casos, especialmente se você ainda tiver parentes no Movimento, mas você pode neutralizar consideravelmente o quanto você ouve falar mal. Você não vai sentir falta de nada. A fofoca de julgamento das entranhas do Movimento nunca melhorará seu nível de vida espiritual. Isso só criará ódio dentro de você para os outros. Depois de minar grandes quantidades de energia emocional, é duvidoso que você queira seguir o Senhor. Esses e-mails manipulativos, telefonemas “sobrecarregados” e as inserções bizarras e fanáticas nos sites juvenis de *Xanga* [site para compartilhar resenhas de livros e músicas] e nos livros de rostos devem ser vistos exatamente pelo que são: mensagens de morte. Distanciar-nos desse reino de palavras feias esfriará nossas emoções e retardará a espiral descendente em amargura.

Ocupar-se com aquilo que você foi comissionado para fazer

Neemias descreveu seu grande trabalho de reconstruir o muro de Jerusalém como sendo simultaneamente negativo e positivo: “os que edificavam o muro, os que traziam as cargas e os que carregavam, cada um com uma das mãos fazia a obra e na outra tinha as armas” (Neemias 4:17). A experiência típica de edificação da igreja também é dupla - “a defesa e confirmação do evangelho” (Fp 1: 7). No entanto, é muito comum o santo encontrar-se apenas segurando uma espada. Ele constantemente luta, mas não tem tempo para edificar. Sua perspectiva muda facilmente da esperança pelo futuro para uma combatividade infinita. Como meio de superar esse estado conturbado, nada supera os benefícios de se ocupar com esforços construtivos no reino de Deus. Isso gera entusiasmo ao conceder a sensação de que Deus não abandonou nossas vidas. Ele ainda está fortemente no trabalho.

Em minha própria experiência durante os dias mais escuros, eu me certifiquei de estar sempre discipulando alguém - não falando com eles sobre “a situação”, mas buscando o Senhor com eles através do estudo da Bíblia, viajando para novos lugares, descobrindo novas maneiras de alcançar os outros no evangelho e orar. Também escrevi alguns livros e conduzi oficinas para treinar irmãos para ministrar nas reuniões. Se a poeira começasse a se instalar, daria

conferências em qualquer lugar em que eu fosse bem-vindo. Eu finalmente me encontrei muito ocupado para carregar indignação ou ira. Afinal, Deus estava me usando! Os outros presbíteros da igreja aqui também fizeram a mesma coisa. Juntos, passamos um tempo em comunhão com o que os santos precisavam, bem como visitando cristãos na cidade e simpatizando-se com o que estavam fazendo. Nós oramos, planejamos e levamos a cabo tarefas. Apesar de uma divisão que se desenvolvia lentamente em nossa igreja, o que nos trouxe a todos um certo nível constante de sofrimento, a moral ainda pairava em um ponto alto e, por que não? – Deus estava nos usando! Às vezes, fomos forçados a discutir e implementar medidas para lidar com a mais nova estratégia gerada pelo LSM contra as igrejas em nossa área, mas estávamos empolgados com as coisas que nos sentíamos motivados a fazer, como as oportunidades de proximidade dos bairros, as tabelas dos dias da semana, estudos bíblicos, aulas matinais para santos que não trabalhavam, novas melhorias para nosso local de encontro, piqueniques, cafés e eventos especiais que atenderiam às necessidades atuais da igreja (desde a criação dos filhos até desmascarar o *Código DaVinci*). Enquanto isso, chegamos a duas conclusões muito importantes: 1. Ponderar as artimanhas negativas dos entusiastas do Ministério, ao ponto de se tornar nosso foco, não fez nada além de nos enfurecer. 2. Enquanto a direção positiva da igreja fosse mantida no centro de nossa comunhão, sempre encontramos o vigor para realizar coisas novas e sermos felizes com elas.

De maneira não intencional, nossa mentalidade pode ser como os cidadãos de algum regime totalitário antigo. De repente, a liberdade se espalha, criando novas oportunidades em todos os lugares. O que devemos fazer? Por padrão, poderíamos continuar a encontrar e ensaiar os erros do antigo sistema. Absorvido em nossa amargura, poderíamos continuar fazendo isso por anos, fechando os olhos para portas recém-abertas e permanecendo desconsiderando novas possibilidades. No entanto, não precisamos viver dessa maneira. Existe vida além das feridas infligidas pelo Movimento da Igreja Local. Uma nova mentalidade, um relacionamento honesto com Deus, uma Bíblia aberta e uma comunhão solidária uns com os outros podem proporcionar uma graça que age como um antiácido espiritual. No despertar encorajador dessas coisas, o futuro e o quociente de esperança entre nós estarão definitivamente aumentando.